N E C R O L O G I U M

Padre Serafim Leite, S. I.

AIRES DE MONTALBO

Faleceu em Roma, fulminado por um ataque cardíaco, após celebrar a missa cotidiana, aos 80 anos de idade, o Revdo. Padre Serafim Leite, da Companhia de Jesus. Era nome universalmente conhecido, dada a sua profissão de historiador dos melhores que já teve a assistência de Portugal.

Foi, com efeito, um pesquisador extraordinário, consciencioso autor da monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil*, sôbre a qual escreveu 10 alentados tomos, incluindo o último de índices e referências. Isso, fora os que deixou versando teses *a latere* referentes a fatos não estritamente catequéticos. Era homem de uma capacidade de trabalho a tôda prova.

Nasceu Serafim Leite em São João da Madeira, Portugal, a 6 de abril de 1890. Tendo freqüentado, durante certo tempo, o Seminário dos Carvalhos, no Pôrto, embarcou para o Brasil, rumo ao Pará, e dedicou-se, em companhia de um tio, ao comércio no Amazonas, ou seja, à extração da borracha nos seringais.

Aí conheceu *de visu* a selva tropical tão bem descrita pelo seu compatriota e amigo Ferreira de Castro.

Trabalhou como seringueiro entre os índios do alto Rio Negro, silvícolas de Padaneri e do rio Vaupes, cuja língua aprendeu, essa mesma língua, que êle supunha, com fundamento, ser a que os índios falavam ao tempo de Nóbrega e de Anchieta, nos primórdios.

A êsse tempo, em matéria de vocação, estava longe de pensar o que lhe reservaria o futuro.

O fato é que volta a Portugal e, em 1914, com 24 anos, em plena Grande Guerra, ingressa na Companhia de Jesus, em Alsemberg, na Bélgica, onde os religiosos portuguêses estavam exilados. Aí, noviço ainda, se pôs em contato direto com Alberto Lamego, brasileiro, futuro autor de *Terra Goitacá*. Percorreu vários países estudando, inclusive a Holanda (Valkenburg) e se ordenou sacerdote. Terminados os estudos, fêz Profissão Solene na Ordem inaciana em 1932. Durante algum tempo pertenceu ao corpo redatorial da Revista de Cultura contemporânea — *Brotéria*. Nela escreveu inúmeros artigos.

Já então mostrava o seu pendor indisfarçável para as letras, máxime para as pesquisas históricas.

A convite do Provincial português, Cândido Mendes de Azevedo, seu grande amigo, meteu ombros à gigantesca emprêsa da *História da Companhia de Jesus no Brasil*, passo imprescindível, segundo Capistrano de Abreu, para se escrever, depois, a própria História do País. Essa História estava ainda tôda por fazer.

Foi um labor insano em anos seguidos. Percorreu todo o Brasil em 1938, em viagem de estudos, vendo os lugares, onde as coisas se passaram outrora, e foi a Cachoeira (Bahia) e a Reritiba (E. Santo); à ponte do Quandu (Rio); às ruínas dos Sete Povos (Rio G. do Sul); a Serinhaém (São Paulo); às antigas missões do Norte e e do Nordeste; a Soure, a Caucaia, a Parangaba, cujo nome fêz voltar à forma primitiva, estagiando aqui e ali. E interrogando e lendo e derrubando prateleiras de bibliotecas, desmanchando arquivos de modo que nada lhe escapou, que pudesse ser útil à sua pesquisa, mesmo o folheto mais insignificante. Sôbre Baturité cita Pedro Catão numa pequena monografia dada a lume em 1916, obra de poucas páginas... Creio que citou até o Rocha Mauriti, o historiador de Canindé...

Igual levantamento histórico também era feito em Portugal pelo provecto historiador, padre Francisco Rodrigues (*História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*) com o mesmo rigor científico e proficiência.

Serafim porém, com ser mais nôvo sobrepujava o velho mestre na ductilidade do estilo, muito mais leve e atraente.

Sua resistência física era extraordinária: e sua capacidade de trabalho, espantosa, como já disse. *Homo unius libri* isto é, de um só cometimento, pois fora da sua especialidade não entrava em assunto nenhum para debater, pois tinha grande pundonor profissional. Sua visão era percuciente e firme: só afirmava quando tinha provas e elucidou muitos pontos controversos de nossa era colonial.

Os dez volumes da *História da Companhia* aí estão, densos e inconcussos, obra magnífica de um homem que pesava a sua responsabilidade e renome.

Pessoalmente era simples e acessível como uma criança e foi êsse seu feitio ingênuo e inócuo de bom lusitano que mais lhe granjeou a simpatia dos acadêmicos brasileiros, sobretudo de Afrânio Peixoto,

que lhe queria muitíssimo e de Rodolfo Garcia, que o considerava seu mestre insuperável.

Voltando a Roma, em 1949, depois de onze anos de Brasil, entrou para o Instituto Histórico da Companhia de Jesus, — Casa dos Escritores, — na Cidade Eterna, onde, em companhia de outras sumidades de várias origens, pôs novamente mão à obra na confecção do *Monumenta Brasiliae*, obra indefinida quanto ao número de volumes a publicar. Entretanto, deu a lume vários tomos de grande valor.

Basta lembrar o *Itinerário Para uma Biografia de Manuel da Nóbrega, a Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil* e os comentários ao *Diálogo Sôbre a Conversão do Gentio* de M. da Nóbrega. Isso, entre outros volumes publicados à margem da História do Brasil. Era um homem incansável.

Eu, que o conheci de perto no Rio e em Friburgo, sei quanto êle amava o Brasil e quão grande era a sua admiração por Capistrano de Abreu, Afrânio Peixoto e Rodolfo Garcia.

Apesar do seu temperamento tímido e retraído, polemizou acremente, mesmo dentro de sua Ordem, para dar ao fundador da Província do Brasil, Manuel da Nóbrega, o seu devido lugar na apreciação dos pósteros.

Não foi preciso apear ninguém para isso, como insinuaram alguns referindo-se a Anchieta, que saíra diminuído. Absolutamente. Serafim nunca escondeu sua admiração onímoda por Nóbrega, o chefe másculo e inconteste desta gloriosa emprêsa... "O Brasil é nossa emprêsa", dizia.

Diante de obra tão extensa, tão minuciosa e profunda, não admira lhe fôssem adjudicados prêmios e honrarias sem número tanto na Europa, como na América.

Em 1938 recebeu o prêmio "Alexandre Herculano" da Secretaria Nacional de Propaganda (Portugal).

Com a tese *Jesuítas na Vila de São Paulo,* no século XVI, em rumoroso concurso histórico, obteve o primeiro lugar entre os muitos concorrentes.

Era sócio honorário da Academia Portuguêsa de História. Pertencia à Academia Brasileira de Letras e à Academia de História do Equador. Era sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e sócio benemérito do Centro Dom Vital (ibidem.)

Era membro do grupo português da Academia Internacional da História das Ciências (Seção de Lisboa). Foi Co-diretor do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, de Lisboa.

Membro da Comissão orientadora da Exposição Histórica da Ocupação e do Congresso de História da Expansão Portuguêsa no mundo, realizado em Lisboa em 1937. Membro da Seção do Congresso Luso-Brasileiro nas comemorações do duplo centenário — 1939-1940. Fundação de Portugal.

Em 1938 o Govêrno português condecorou-o com o grau de Comendador da Ordem Militar de Santiago de Espanha, mérito científico, artístico e literário. Serafim Leite era, além do mais, um historiador que sabia escrever. É notável a leveza do seu estilo.

Dois anos depois do último prêmio (1940) o Govêrno brasileiro conferiu-lhe a Comenda da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. Participou de vários Congressos de História em Portugal, Espanha, Itália e Estados Unidos. Pertencia à *The Gallerie of Living Catholic Authors*, dos Estados Unidos, e era *Doctor Scientiae et Honoris Causa* pela Universidade do Rio de Janeiro (1949.)

Nesse mesmo ano, concluída a obra monumental da *História da Companhia de Jesus no Brasil*, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro mandou cunhar uma medalha de bronze com sua efígie *ad perpetuam rei memoriam*.

Na querela sôbre a fundação de São Paulo, Serafim Leite tomou, com razão, o partido de Nóbrega, o Provincial de então, 1554, e além de alentada monografia que deu, sob êsse título, escreveu vários artigos na *Brotéria* defendendo a sua posição. No *Jornal do Comércio*, Rio, de 3 de janeiro de 1954, escreveu o artigo: "Como se consolidou São Paulo de Piratininga". No mesmo jornal, a 18 de janeiro de 1953, lançou: "Documentos inéditos sôbre a fundação de São Paulo de Piratininga". A 3 de maio do mesmo ano, no citado jornal, volta ao assunto: "Fundador e fundadores de São Paulo". A 12 de setembro de 1954 escreveu: "Nóbrega no dia 25 de janeiro de 1554" e finalmente no *Estado de São Paulo* com datas de 1.º e 18 de outubro de 1953 escreveu: "Particularidades referentes a Nóbrega na fundação de São Paulo".

Os adversários eram muitos e fortes, emocionalmente voltados para o lado de Anchieta, mas o velho lutador enfrentou-os de viseira erguida e derrotou-os de modo o mais cabal. Quem fundou São Paulo foi Manuel da Nóbrega, que tinha poder para isso; Anchieta, a êsse tempo, era um moçote, um escolástico apenas e por si não podia fundar coisa alguma... Participou também, com punho firme, da polêmica instituída sôbre a paternidade do poema latino *De Rebus Gestis Mendi Saa*, contra Hélio Viotti e Armando Cardoso, S. I.

Serafim Leite negava fôsse Anchieta o autor dêsse poema heróico de imenso valor formal e histórico, enquanto os outros dois davam a Anchieta, com razões apodíticas, a paternidade do belo Poema. Nessa questão a gente se inclina mais a favor dos ilustres contendores.

Segundo êsses consumados humanistas, o Poema tem tôdas as características do estilo inconfundível de Anchieta.

Outro ponto que Serafim não cedia era que o *primeiro mestre-escola do Brasil* fôra Vicente Rodrigues e não outro.

Com respeito à fundação de Fortaleza, que os holandeses da segunda invasão mantiveram jungida ao seu domínio, muito depois de Soares Moreno, — fundação atribuída por alguns a Matias Beck,

gauleiter holandês do Ceará, Serafim Leite chegou a dar umas normas para o estudo desta questão, achando, entretanto, absurdas as homenagens prestadas ao invasor neerlandês...

De fato, pensando bem, só honra um invasor seu a quem nada deve, um povo muito primitivo e primário ou que perdeu a vergonha totalmente. Pois foi isso o que fizemos no Ceará. Praça de Matias Beck, junto ao Náutico Atlético Cearense.

Em outubro de 1950 Serafim Leite estêve, como delegado luso-brasileiro, no *Colloquim* internacional de estudos luso-brasileiros de Washington. No *Arquivo da Província Portuguêsa,* vol. II, n.º 2, pág. 308-309, ss. há uma descrição do conclave muito interessante feita pelo historiador ao seu compatriota Júlio Marinho.

Citemos a parte final: "Tudo isto é verdadeiramente grande e pelo que observei em Washington e pelo que vejo aqui na catedral de São Patrício, e ainda por tantas Universidades e Colégios católicos, e pela liberdade, estima e deferência pública de que são objeto os Padres, — esta grandeza não é apenas de sentido material.

"Nestas viagens por terras estranhas e imensas e numa cidade como esta de mais habitantes, ela só, do que Portugal inteiro, a sensação é a de que uma pessoa se encontra estranha a si própria. O que vale é que estas peregrinações, ainda que o não pareçam, também vão dar a Roma...

"Termino, porque chegou um português de Nova Iorque para me ir mostrar não sei que edifício, ou armazém que é o maior do mundo. Nesta matéria há tantas coisas aqui, que são, cada qual, a maior do mundo...

Mas é inegável que Nova Iorque, por si mesma, não se enquadra em série nenhuma e é única no mundo!

Agora o grande historiador fechou as suas pastas e se recolheu ao silêncio definitivo. Por tôda a parte amigos lastimam o seu desaparecimento.

Nós brasileiros também. Ninguém melhor do que êle conheceu o nosso passado, nossas instituições primevas, nossa origem étnica e nossas virtualidades.

Uma coisa é certa: como cultura não se improvisa, tão cedo êle não terá, no seu campo, que é à História, um substituto condigno e realmente à altura.

Paz à sua alma. *In aeternum vivat*...